

Roteiro de Turismo na Paisagem Rural em Antigas Fazendas Paulistas de Café

Renata Barrocas
Doutoranda em Geografia, UNESP
Bolsista do CNPq-Brasil
Rio Claro, SP, Brasil
renatarb@terra.com.br
Livia de Oliveira,
Professora Titular em Geografia
UNESP - Rio Claro, SP, Brasil
liviadeoliveira@yahoo.com.br

Para estudar o passado de um povo, de uma instituição, de uma classe, não basta aceitar ao pé da letra tudo que nos deixou a simples tradição escrita. É preciso fazer falar a multidão imensa dos figurantes mudos que enchem o panorama da história e são muitas vezes interessantes e mais importantes do que os outros, os que apenas escrevem a história.

Sérgio Buarque de Holanda. Prefácio do Tradutor, p. XLV da obra de Thomas Davatz. "Memórias de um colono do Brasil".

É recente o interesse por paisagens rurais coloniais, principalmente pela arquitetura, equipamentos e técnicas agrícolas, pelos campos cultivados e degustação de comida, licores, doces e geléias caseiras. A procura de pessoas, individualmente ou em grupos, pela paisagem marcante e bucólica do conjunto colonial da casagrande e da senzada, das tulhas (terreiros de secagem), dos paióis de armazenamento, das rezas nas capelas, dos jardins floridos e perfumados, dos pomares com frutos suculentos e saborosos, das hortas com verduras e legumes, se deu principalmente nesta última década. As razões residem: na proximidade da grande metrópole (São Paulo), nas excelentes rodovias paulistas, na procura de ar fresco e limpo, e do verde dos campos, e, particularmente, na necessidade e curiosidade de conhecer como viviam as pessoas, como os imigrantes e fazendeiros, escravos e assalariados e como eram as suas acomodações, móveis e utensílios, animais de carga e de sela, enfim, como desenrolava o dia-a-dia dos mesmos.

No Brasil, os chamados ciclos econômicos deixaram como legado a monocultura da cana e do café, além de um patrimônio histórico e cultural bastante significativo. O ciclo do café permitiu a construção de propriedades de estimado valor arquitetônico, que, hoje restauradas, despertam o

interesse dos turistas. Hoje, estas fazendas trabalham em conjunto, para promover e implantar o turismo rural como alternativa de aumento de renda, pois continuam com suas produções ligadas à agricultura.

No Estado de São Paulo, Brasil, cinco fazendas anteriores ao final do ciclo do café estão abertas a visitação. São museus em forma de propriedades rurais que reforçam uma tendência do setor turístico. O objetivo deste trabalho é apresentar as características geográficas, históricas e turísticas deste roteiro e sua importância para a região.

Este roteiro inclui quatro cidades: Limeira, com as fazendas Citra e Quilombo; Iracemápolis com a fazenda Morro Azul; Cordeirópolis, com a fazenda Ibicaba, e Santa Gertrudes, com a fazenda Santa Gertrudes. Nelas, destacam-se as técnicas agrícolas empregadas no século XIX onde a produção cafeeira era realizada através do arado por tração animal. Essas propriedades possuem significativo valor arquitetônico com as sedes das fazendas em estilo colonial atraindo turistas que se interessam pela história paulista.

São variados os conceitos que definem o Turismo Rural. Neste trabalho, iremos nos basear em BENI (2002) e RODRIGUES (2001). Para BENI (2002: 31-32), o turismo rural consiste “no deslocamento de pessoas para espaços rurais, em roteiros programados ou espontâneos, com ou sem pernoite, para fruição dos cenários e instalações rurícolas”. Continua este autor, destacando que “o turismo rural pode ser entendido como uma alternativa do proprietário aumentar sua renda, de agregar valor à terra e fixar os trabalhadores no campo em pequenas, médias e grandes propriedades”. RODRIGUES (2001: 105-106) discute que, para se classificar uma tipologia, é necessário analisar a paisagem, o tipo de empreendimento, o roteiro e a demanda enfatizando a sua origem, suas motivações, o tempo de permanência e as atividades praticadas, para, a partir daí, estabelecer uma tipologia como turismo rural, ou talvez, turismo em espaço rural. A autora sugere o rótulo lazer periurbano, quando acolhe apenas visitantes, não se configurando o turismo.

A proximidade destas cidades com São Paulo, que é grande emissor de turistas e excursionistas para este tipo de atividade, favorece a visita constante de grupos de estudantes, da terceira idade, de interessados em nossa história. Neste roteiro de fazendas históricas, não há meios do visitante ficar hospedado. Segundo RODRIGUES (2001:110), os frequentadores desses lugares, quando provêm de cidades próximas e não pernoitam fora de seu domicílio, são excursionistas, ou visitantes de um dia, portanto não são considerados turistas, segundo o critério da Organização Mundial de Turismo (OMT).

A região de Limeira e a história das Antigas Fazendas de Café

As primeiras notícias sobre a região onde está localizada a cidade de Limeira datam de 1682. Conhecida como Rancho do Morro Azul, era uma região de pouso para bandeirantes e tropeiros, que demandavam o sertão, e, posteriormente, passou a ser chamada de Rancho da Limeira.

Da grande sesmaria do Morro Azul, surgiram as conhecidas fazendas **Morro Azul, Ibicaba, Santa Gertrudes, Quilombo e Citra**.

A laranja foi introduzida no Brasil pelos portugueses no século XVI e, no município de Limeira no século XIX. Ainda hoje, Limeira é conhecida como a “Capital da Laranja” destacando-se como maior produtora de mudas cítricas do mundo, com uma média de 4.000.000 de mudas por ano.

Nas fazendas existiam: a casa-grande, a capela e a senzala, onde ficavam os escravos que realizavam o plantio, colheita e preparo do açúcar, além dos afazeres domésticos. Entre os anos de 1800 a 1840, o cultivo da cana-de-açúcar ocupava grande parte das terras cultiváveis pela presença das manchas de terra roxa. Essas fazendas ficavam próximas de rios, estradas e povoados. O processo de expansão cafeeira, conhecido como Marcha do Café, teve seu início em 1830 no Vale do Paraíba, atingindo a região central da Província em 1850, na região de Campinas.

Para levar a cabo esta empreitada, que o cultivo de café demandava, foi necessário dispor de uma numerosa e dispendiosa mão-de-obra para a época: os escravos. A plantação dos cafezais era precedida pela derrubada da mata, destocamento, limpeza da terra (em geral eram feitas grandes queimadas), para, então, plantar as fileiras das mudas de café. Enquanto os pés de café cresciam e ainda não produziam os frutos, os escravos praticavam uma lavoura de subsistência (feijão, milho, abóbora, batata doce, mandioca). A produção era dividida entre o senhor e o escravos, meio-a-meio. A partir da primeira colheita, cessava a plantação de gêneros alimentícios, pois o café necessitava de vários roçados durante o ano e era preciso para manter as filas sempre limpas de ervas daninhas. Assim sendo, para a grande lavoura cafeeira, o problema crucial sempre residiu na necessidade abundante de braços.

O café substituiu, definitivamente, a paisagem clássica do engenho de açúcar, a partir de 1840, no Oeste da Província de São Paulo. Na época, esse Oeste da capital paulista localizava-se, ainda, na região de Campinas, Limeira e Piracicaba. Na realidade, até 1850, São Paulo era grande exportador de açúcar e bruscamente passou a grande exportador de café. Nesse período que a cana perdeu seu valor comercial de exportação, o café foi adotado como nova e definitiva cultura. Vale destacar, que, mesmo nesta transição de tipos de lavouras, a cana-de-açúcar era cultivada

em pequenas glebas para manutenção dos engenhos de aguardente e atender o consumo interno de açúcar. Também, como consequência direta, assistiu-se a uma alta nos preços básicos da mesa paulista.

Nessa época, foi introduzido outro elemento na paisagem rural paulista: a chegada de levas de imigrantes.

Convém fazer um parêntesis para apresentar a figura ímpar de Nicolau Pereira Campos Vergueiro, homem público, que ocupou vários cargos no período imperial, apesar de não se conformar com a escravidão e com a monarquia e ser um grande latifundiário. Foi Senador e integrou, em 1831, a Regência Trina Provisória, como representante do setor agro-exportador. Como proprietário da Fazenda Ibicaba, introduziu o regime de parceria que historicamente ficou conhecida como Sistema Vergueiro. Foram idéias avançadas, visto que traziam em seu bojo, além de novas técnicas agrícolas, concepções de trabalho livre.

O primeiro grupo de portugueses que foi contratado pelo senador Vergueiro trabalhava na lavoura de café em sistemas chamados de parceria. Neste sistema, as famílias partiam da Europa para o Brasil com a viagem custeada e, aqui, recebiam acomodações e uma gleba de terra para plantio, cultivo e beneficiamento. As despesas durante a viagem eram descontadas e metade do lucro era dos colonos, enquanto o contratante ficava com o restante. Neste período, chegaram na região famílias de alemães, portugueses, espanhóis, belgas e suíços para trabalhar em sistemas de parceria.

A partir de 1870, o governo brasileiro passou a custear o transporte e a acomodação inicial dos imigrantes. Foram formadas as Sociedades Protetoras da Imigração com o objetivo de atrair mais imigrantes europeus. Foram estas sociedades que promoveram a vinda de italianos. Com a expansão da lavoura de café, foi necessário o uso da ferrovia, que foi inaugurada em Limeira no ano de 1876. Nesta época, o sistema de colonato era praticado na Ibicaba, onde cada família era responsável pelo cultivo de uma parte do cafezal e recebia um salário proporcional à quantidade de grãos colhidos. A Ibicaba foi, durante um período, a maior produtora de café do Brasil e pioneira na utilização do arado.

Em 1929, com a crise mundial na economia, americanos e europeus deixaram de importar o café e, na região de Limeira, foi necessária sua substituição pelo algodão, cana-de-açúcar e, principalmente, laranja.

As antigas fazendas de café

Dentre as inúmeras fazendas que foram desmembradas da primitiva Sesmaria do Morro Azul, selecionamos cinco que apresentam valor histórico, geográfico, cultural e que integram o roteiro da programação do turismo rural. São as seguintes: Ibicaba, Morro Azul, Santo Gertrudes, Quilombo e Citra.

A **Fazenda Ibicaba** sempre teve grande destaque na região e seu dono o senador Vergueiro, com suas iniciativas, trouxe o desenvolvimento às cidades na região de Limeira. Foi juiz das sesmarias da província, recebendo terras na região de Piracicaba e Rio Claro. Como não apostava na continuidade do regime absolutista do império, assim como outros liberais, lutou por uma constituinte liberal.

Esta fazenda foi fundada em 1817 e foi pioneira na substituição dos braços escravos por imigrantes europeus. Sobressaiu-se como uma das maiores plantadoras da rubiácea no Brasil e conserva, até hoje, a sede vetusta e centenária, a capela com suas relíquias religiosas, a senzala de triste lembrança, a torre do relógio, que marca as horas do tempo e da labuta no eito, os terreiros e as tulhas de secagem dos grãos do café e os aquedutos que chamavam a atenção de todos (visitantes e moradores).

A **Fazenda Santa Gertrudes** também teve papel importante neste legado da sesmaria do Morro Azul. O Brigadeiro Manoel Rodrigues Jordão comprou as terras desta sesmaria em 1821, local onde seu filho, Amador de Lacerda Rodrigues Jordão, o barão de São João de Rio Claro, em 1854, fundaria a Fazenda Santa Gertrudes. O primeiro nome escolhido pelo barão foi Fazenda Laranja Azeda e, após a morte de sua mãe, foi trocado por Santa Gertrudes.

Em 1876, sua esposa e viúva, a baronesa Maria Hipólita dos Santos Silva, se casou com o marquês de Três Rios, que se tornou o segundo proprietário de Santa Gertrudes e teve a iniciativa de introduzir a estrada de ferro na fazenda. Nas primeiras décadas do século XX, os convidados vinham de São Paulo de trem e eram recebidos na estação da vila, chamada durante este período de Gramado.

Com a morte do casal que não deixara herdeiros, a fazenda passou a ser propriedade da irmã da marquesa, Antônia dos Santos Silva Prates. Entre 1890 e 1910, sob a administração do Conde Eduardo Prates, a fazenda atingiu seu apogeu e progresso. Entre diversas benfeitorias no maquinário e locais para armazenamento do café, entre outras, foi construída uma usina a vapor para fornecimento de energia elétrica, além da cunhagem de sua própria moeda.

Em 1898 a sede passou a ser iluminada com gás acetileno e, em 1902, foi possível o uso da energia elétrica através de contrato estabelecido com a central elétrica de Rio Claro. Em 1904,

foi a vez do telefone tornar-se o mais novo bem adquirido para o progresso da propriedade. Ainda neste período, com o aumento do consumo de energia foi necessária a construção de uma usina elétrica direcionada apenas para o local.

No período de 1903 a 1914, foram registradas trinta famílias de origem européia, destacando os italianos, austríacos, portugueses e espanhóis, trabalhando na fazenda no cultivo e colheita do café. Para a cafeicultura, o que importava era a quantidade de trabalhadores no campo, preferencialmente homens. Era combinado entre o proprietário e as famílias um pagamento em dinheiro pela colheita e produção. Estes salários provinham de três fontes: da limpeza das plantas daninhas de três a cinco vezes ao ano; da colheita paga pela quantidade de alqueires colhido e dos dias de trabalhos, considerados como horas extras.

A fazenda Santa Gertrudes superou todas as crises econômicas e mudanças sociais advindas do período áureo do café e hoje incorpora atividades de lazer nos seus rendimentos.

Fundada em 1870, a **Fazenda Quilombo** foi um desmembramento da fazenda Morro Azul. Silvério Rodrigues Jordão deixou-a como herança para sua filha Anna Eufrosina Jordão, casada com Ezequiel de Paula Ramos, e foi uma das primeiras propriedades da região que viria a constituir o município de Limeira. Correndo o mesmo ciclo das outras fazendas, teve no início de sua plantação o cultivo do café a partir da mão-de-obra escrava, sendo paulatinamente substituída pelos colonos europeus. Após a crise de 1929, o café foi substituído pelo cultivo de cereais, algodão e citros, na condição do sistema de parceria. Os colonos passaram a receber algumas glebas de terra para cultivo da laranja transformando-as em pequenos sítios. Esta cultura foi substituída pela cana, a partir de 1950. Na década de 70, nova tentativa do cultivo de café foi feita pelo proprietário da fazenda e, concomitantemente, foram recuperadas as instalações dos terreiros e armazéns, casa-sede e as colônias. O algodão, a pecuária leiteira e os cereais foram alternativas encontradas, mas, atualmente, persistem o café, os citros e a criação de ovinos e equinos. Na fazenda, também é possível realizar a venda de cavalos de variadas raças, além de ser proporcionado, para criadores, a hospedagem de equinos, com assistência veterinária incluída, além de outros serviços vinculados a este setor.

A história da **Fazenda Citra** seguiu um percurso diferente das demais. A laranja teve seu período de destaque, mas foram as plantas ornamentais, aromáticas e frutíferas que transformaram esta fazenda em referência no país e no exterior.

A Fazenda Citra foi fundada por João Dierberger, em 1924. Após várias tentativas fracassadas com o cultivo de mudas em São Paulo, Santos e Mogi das Cruzes, nesta data foi adquirida em Limeira, as terras que se tornariam a atual fazenda, que tinha como projeto inicial o cultivo da laranja. Por volta de 1926, os filhos do proprietário exportaram o primeiro lote de

laranjas para a Inglaterra. Este investimento consolidou a família, neste período, na exportação da laranja e como grande produtora de mudas cítricas. Várias plantas de algumas espécies raras e exóticas foram aclimatadas e introduzidas nesta fazenda, transformando-a em um verdadeiro jardim botânico. É destaque a produção de noz macadâmia e pecan, além da comercialização de frutas cristalizadas. O paisagismo também foi destaque na família Dierberger, e dentre os inúmeros jardins e parques para prefeituras e residências, é importante mencionar os Jardins do Palácio da Guanabara no Rio de Janeiro, Jardim do Ipiranga em São Paulo, termas de Poços de Caldas e Araxá, em Minas Gerais, entre outros.

A **Fazenda Morro Azul**, deu origem a várias fazendas da região. A sede da fazenda, destoa na inovada fachada com azulejos vindos de Portugal e França, além das portas, janelas, batentes e vitrôs europeus, diferentes da tradicional arquitetura da época. A fazenda serviu de hospedagem para D. Pedro II, a Imperatriz Teresa Cristina e a Princesa Isabel, além de outras ilustres personalidades como Sarah Bernhardt, Anita Malfati, Santos Dumont, Blaise Cendrars, Oswald de Andrade e marechal Rondon. A construção deste palacete foi uma homenagem a Maria Benedita Cananea, esposa de Silvério Roiz Jordão, em 1868. Como destaca REDONDANO (2000), “terminada em 1877 a sede retratava a opulência da classe dominante”. A Morro Azul ficou conhecida como fazenda do Imperador, mantendo como herança dos barões do café relíquias de outras épocas.

A sesmaria do Morro Azul, deixou como legado a mudança na paisagem desta região, através de suas fazendas e da monocultura da cana-de-açúcar, café e laranja. Hoje, estes proprietários, preocupados não somente com a produção gerada em suas terras, mas com a memória destes locais, encontraram, no que RODRIGUES trata de lazer periurbano, a alternativa para a preservação deste patrimônio histórico e cultural.

Os municípios paulistas e suas fazendas que promovem a viagem ao passado

Em 1998, a Prefeitura de Limeira, através da Secretaria Municipal de Turismo, promoveu o agrupamento dos proprietários das fazendas com o objetivo de transformá-la em produto turístico. CARVALHO e SIMÕES (2000: 224-225), discutem esta alternativa como processo autônomo e informal com ações que podem ser consideradas positivas através da divulgação por folders, vídeo e portais na internet. A partir deste processo, o roteiro pode ser utilizado por diferentes grupos através de agências de turismo e contatos diretos nos locais.

O roteiro que integra as antigas fazendas paulistas de café atinge quatro municípios: Limeira, Iracemápolis, Cordeirópolis e Santa Gertrudes. Estas localidades situam-se na Região Administrativa de Campinas e distam aproximadamente 155 km da cidade de São Paulo, capital estadual. São cortadas por importantes rodovias estaduais: para Limeira o acesso é através das rodovias Bandeirantes (SP 348) e Anhangüera (SP 330), sentido capital-interior; para o acesso a Iracemápolis faz-se o mesmo trajeto, sendo necessário utilizar as rodovias (SP 151 ou SP 147); para Cordeirópolis e Santa Gertrudes, além das rodovias Bandeirantes e Anhangüera, é necessário o uso de outra rodovia estadual que liga a capital ao noroeste paulista, a Washington Luis (SP 310). A cidade de Limeira está situada próxima de dois aeroportos internacionais, distante 67 km do Aeroporto Internacional de Viracopos, em Campinas, e a 180 km do Aeroporto Internacional de Guarulhos. A Ferrobán (Ferrovias Bandeirantes) é a estrada de ferro que corta os municípios, mas atualmente é utilizada apenas para transporte de cargas.

RODRIGUES (2001: 110) classifica as atividades direcionadas ao turismo rural em diferentes agrupamentos e, na categoria “de origem agrícola”, destaca a importância da modalidade Turismo Rural do Ciclo Cafeeiro.

Os municípios situam-se na Depressão Periférica Paulista, especificamente na Zona do Médio Tietê, de acordo com a divisão geomorfológica de ALMEIDA (1974:63). TROPPEMAIR (2000: 57-60) classifica a região estudada no Geossistema Depressão Periférica Norte, “com relevo marcado por colinas amplas e médias, variando entre 600 e 800 metros (...) As manchas de terra roxa apresentam maior fertilidade e produtividade, onde encontram-se as culturas de cana, café e laranja (...) O clima do tipo “Cwa” (Koeppen) ou Tropical (Monteiro) é caracterizado pela ação das massas tropicais, com temperatura média anual de 21° C, média das máximas de 30° C e mínima de 12°C. A precipitação é de 1100 a 1200 mm/ano (...) Os rios Piracicaba, médio Mogi-Guaçu, médio Pardo e Jaguari formam a rede hidrográfica desse geossistema (...) outrora ocupado por vegetação de cerrados, testemunhos de um paleoclima mais seco e, pela mata Atlântica nas manchas de terra roxa, atualmente estas formações vegetais foram praticamente destruídas (...) o parque industrial ao longo das rodovias é grande, destacando os ramos da metalurgia, mecânica, têxtil e alimentar”.

O município de Limeira, antiga sesmaria Morro Azul, desmembrou suas terras que acabaram tornando-se cidades de grande importância no Estado. Esta localidade faz divisa com outros dois municípios do roteiro das fazendas de café, Iracemápolis e Cordeirópolis e ambos limitam-se com Santa Gertrudes. Em todos os municípios, a população urbana é predominante, restando uma ínfima parcela residente no campo. Destes, o município de Limeira é considerado de porte médio por apresentar 249.046 habitantes segundo o censo do IBGE (2000). Os demais

destacam-se como cidades de pequeno porte, Cordeirópolis com 175.491 habitantes, Santa Gertrudes com 15.906 e Itacemópolis com 15.555 moradores, ainda segundo o IBGE (2000).

O desenvolvimento econômico gerado pelo turismo rural, de acordo com SILVA et al. (2000: 31), ocorre em áreas próximas de grandes centros ou em locais com atrativos especiais. Podemos verificar que estes dois fatores estão presentes nas atividades que envolvem o roteiro das fazendas de café.

Os proprietários apostam como produto turístico não somente no patrimônio histórico, mas também na preservação e recuperação da mata atlântica. Com as monoculturas da região, grandes porções desta vegetação acabaram sendo destruídas. Os remanescentes que restam nas fazendas transformaram-se em atrativo em fazendas como a Ibicaba e a Quilombo, que mantém uma reserva ecológica em suas terras, considerada o maior fragmento de mata atlântica da região. Em ambas, a preocupação dos proprietários é a preservação das áreas não destinadas à agricultura.

Atividades Recreacionais nas Fazendas

Em todas as fazendas históricas, é priorizada a visita em grupos que devem ter um mínimo de 20 pessoas previamente agendadas. As atividades são diversificadas de acordo com os atrativos. Refeições e lanches também são oferecidos em todas as fazendas. Na Fazenda Quilombo, é servida feijoada, prato típico brasileiro, e, na Fazenda Citra, acompanhando o lanche é servido um suco da fruta da estação. Não há possibilidade de hospedagem dos turistas, pois os proprietários priorizam a visita direcionada para apreciação cênica da paisagem e patrimônio arquitetônico. Na Citra, há comercialização de frutas e mudas, e, na Quilombo, venda de equinos e equipamentos para sua criação e cuidados. Os passeios são acompanhados por guias ou monitorados pelos proprietários das fazendas.

Através dos atrativos situados na Fazenda Ibicaba, localizada em Cordeirópolis, é possível uma viagem no tempo, por suas inovações políticas e sociais da época. Foi a pioneira na substituição do braço escravo pelo do imigrante europeu através do sistema chamado de parceria. Por este motivo, foi considerada desde 1846, modelo nacional, criando mais de 60 colônias, com um total de cerca de 60.000 migrantes. Historiadores afirmam ter sido nesta fazenda pela primeira vez no Brasil o emprego do arado no plantio de café. Fundada em 1817, a fazenda foi, durante longo período, a maior produtora de café. Sua sede foi contruída pela família Levy, que em 1857, tornou-se proprietária. Nela, o turista pode apreciar a capela dotada de altar em madeira, a

senzala, a torre do relógio, terreiros e telhas, além de aquedutos contruídos por escravos e imigrantes. Na programação do passeio, fica a critério dos grupos, além de conhecer o patrimônio histórico e arquitetônico do lugar, o uso de quadras para jogar futebol, vôlei, basquete, banho em piscina, além de passeio por um trecho remanescente de Mata Atlântica, chamado de “passeio ecológico”.

Na Fazenda Morro Azul, o turista encontra como atrativo a visita ao solar, com móveis do interior do século XIX, biblioteca, quadros e gobelinos antigos, além de papéis de parede franceses e ingleses. Pode visitar os aposentos onde ficar hospedadas importantes personalidades que a visitaram no século XIX. A fazenda Morro Azul é a única tombada pelo Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo). Desde 1973, o conjunto incluindo a sede, a casa de banhos do imperador e artefatos históricos, devem ser preservados.

Na Fazenda Santa Gertrudes, o visitante pode conhecer sua sede centenária, com sua arquitetura francesa, capela em estilo gótico, além de reviver o ciclo do café, desde a colheita até o embarque na estação de trem. A sede da fazenda serviu em 2002 como cenário de telenovela de emissora nacional. Foram realizadas algumas reformas na fachada da sede e da capela para as gravações. Sob a ótica do mercado, as fazendas servem de cenários para publicidade.

A Fazenda Quilombo, oferece ao freqüentador a possibilidade de realizar passeios a cavalo, conhecer a criação de várias raças eqüinas, além da visita às lavouras de café e laranja. Durante o período da colheita, o turista pode conhecer a infra-estrutura para a secagem e preparo do café, por métodos utilizados no século XIX ainda em pleno funcionamento.

Na Fazenda Citra, o visitante pode apreciar o beneficiamento de noz macadâmia, comercializada no local, além da visita aos viveiros de plantas exóticas e ornamentais. Há um museu que conta a história e evolução da produção agrícola na fazenda.

Os autores CARVALHO e SIMÕES (2000) comentam que os proprietários das fazendas utilizam a renda obtida pelo turismo como uma forma de investimento na recuperação e manutenção do patrimônio e se lamentam que a demanda escolar que visita o roteiro provém de cidades como São Paulo e Campinas mais do que da própria região.

Apesar de estarem no mesmo roteiro, as fazendas apresentadas possuem características que são peculiares. Mostram a importância da região, no século XIX, como propulsora do progresso na Província e depois no Estado de São Paulo. É importante a divulgação para que a população da região aprenda a valorizar nossa rica e importante história.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, F. F. M de. (1974) Fundamentos geológicos do relevo paulista. São Paulo: IGEOG, 110p.

AUTOBAN NOTÍCIAS. (2002). “Limeira, uma viagem ao passado”. Jundiaí: Plural Gráfica e Editora., ano IV, n. 24, p. 4-5. jul./ago.

BENI, M. (2002) Conceituando turismo rural, agroturismo, turismo ecológico e ecoturismo.

BARRETO, M. e TAMANINI, E. Redescobrimo a Ecologia no Turismo. Caxias do Sul: EDUSC, p. 31-34.

CARVALHO, P. F. e SIMÕES, S. (2001). “Autogestão e territorialização na viabilização do turismo rural: um caso de fazendas históricas no Estado de São Paulo”. In: Congresso Brasileiro de Turismo Rural, 3, Piracicaba. Anais do 3º Congresso Brasileiro de Turismo Rural . Piracicaba: ESALQ/USP. p. 221-227.

DAVATZ, T. (1972). Memória de um Colono no Brasil (1850). São Paulo: Editora Martins/EDUSP.

FAZENDA CITRA. Disponível em <<http://www.fazendacitra.com.br>> Acesso em 26 nov. 2002.

FAZENDA QUILOMBO. Disponível em <<http://www.fazendaq.hpg.ig.com.br/index.htm>>. Acesso em 26 nov. 2002.

FAZENDA SANTA GERTRUDES. Disponível em <<http://www.fazendasantagertrudes.com.br>>. Acesso em 26 nov. 2002.

FERNANDES, E. (2002). “ Fazenda preserva história de olho no turismo”. Folha de São Paulo, São Paulo, 14 abr. Folha Campinas, p. C1.

LIMEIRA. Fazenda Históricas. Disponível em <<http://www.limeira.org.br/pgpontur.html>>. Acesso em 28 nov. 2002.

REDONDANO, D. C. et al. (2000). Atlas Municipal Escolar Geográfico, Histórico e Ambiental de Limeira. Limeira: UNESP.

RODRIGUES, A .B. (2001) Turismo rural no Brasil: ensaio de uma tipologia. In: RODRIGUES, A .B. (org.). Turismo Rural. São Paulo: Contexto, p. 101-116.

SILVA, J.G., VILARINHO, C. e DALE, P. J. (2000). Turismo em áreas rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil. Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável. Campinas: Papirus, p. 15-62.

TROPMAIR, H. (2000) Geossistemas e geossistemas paulistas. Rio Claro: Unesp, 105p.